



PRÁTICA DOCENTE E O ENSINO DE BOTÂNICA: O OLHAR SOBRE UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

William Lima da Costa ¹
Ana Claudia Carvalho da Silva ²
Antonia Jamille Santos Bizerra ³
Rafaela Araújo Lebrege ⁴

RESUMO

A formação inicial prepara os docentes em termos de conteúdos específicos e aparato didático-metodológico, enquanto os estágios supervisionados são espaços propícios para o exercício de habilidades e competências. Nesse contexto, o ensino de Botânica é um desafio frequente para professores da Educação Básica por diversos motivos, que nem sempre são associados ao docente. Em vista da necessidade de repensar o ensino desta área, visando aproximar os estudantes do conteúdo, a Sequência Didática (SD) se mostra como elemento facilitador para o ensino mais significativo e ativo. Desta forma, este trabalho objetiva relatar e analisar uma experiência proveniente do estágio docente, estabelecendo conexões entre os processos formativos da sala de aula e a nossa formação inicial. Assim, a SD foi desenvolvida em 5 etapas, sendo: (i) Bate-papo Introdutório, que oportunizou aos alunos expressar suas falas, curiosidades e conhecimentos prévios da temática; (ii) Passeio Pedagógico, que permitiu a saída da sala de aula para conhecer as plantas, estimulando o olhar científico sobre os vegetais e desvelando a ideia de que o sucesso/ocorrência de aulas práticas depende de um laboratório; (iii) Aula Teórica, que visou aprofundar conceitos/estruturas vegetais vistas na etapa anterior, bem como mostrar a evolução e diversidade das plantas; (iv) Orientação de Atividade, momento essencial para dar aos alunos as condições necessárias para execução das demandas solicitadas, assim como evidenciar as dificuldades dos estudantes e buscar superá-las; e (v) Socialização Final, ocasião em que os alunos puderam expor os dados coletados na segunda etapa, relacionando com aspectos teóricos provenientes de suas pesquisas. Destarte, observamos que a SD permitiu o desenvolvimento do ensino com abordagens ativas e significativas que fogem do cotidiano dos alunos, bem como se tornou um elemento marcante e de grande relevância na nossa formação inicial por abrir o espaço de práticas e reflexões sobre o fazer docente.

Palavras-chave: Ensino de botânica; Sequência didática; Formação inicial; Estágio supervisionado.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado (ES) é um momento formativo prático da graduação que possibilita a conciliação dos saberes científicos e pedagógicos, de modo que representa um encontro e identificação do ser professor, do fazer pedagógico e das alegrias e desafios encontrados nos espaços escolares. Desse modo, o ES é crucial para desenvolver o pensamento

¹ Graduando em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará/UFPA, williamlinns000@gmail.com;

² Graduanda em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará/UFPA, claudiacarvalhosilva16@gmail.com

³ Graduanda em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará/UFPA, jamillesantos335@gmail.com;

⁴ Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará/UFPA, rlebrege@ufpa.br;



crítico e reflexivo acerca da prática pedagógica, através de atividades como observação, regência, organização e o planejamento das ações pedagógicas (SANTANA; SANTOS; SILVEIRA, 2020).

O estágio é considerado um espaço importante para entender e experienciar as diversas possibilidades de aprendizagem na formação de professores, além de proporcionar o exercício dos conteúdos teóricos e práticos construídos ao longo da graduação. Segundo França de Barros e Barros (2022), quando há a integração entre teoria e prática, o professor em formação consegue refletir sobre os conteúdos teóricos e experimentar as práticas no campo de atuação, de forma que aprimore e fortaleça seu exercício docente. Vivenciar as particularidades que o ES oferece contribui para o entendimento da importância e da magnitude da arte de ensinar na vida dos sujeitos envolvidos.

O ensino de Botânica, por sua vez, ainda é desenvolvido em uma perspectiva considerada superficial e de cunho tradicional, embora exista um leque de possibilidades para reinventar a prática educativa neste campo, que vai muito além do uso do livro didático e aulas somente expositivas. Desse modo, fazer com que os alunos compreendam de forma significativa as dinâmicas envolvendo as plantas, seja para existência, controle e manutenção da vida ou os processos evolutivos e suas características, ainda é um desafio constante enfrentado por muitos docentes no cotidiano escolar (BARBOSA *et al.*, 2020).

É essencial refletir sobre práticas de caráter conteudista e descontextualizadas acerca do Reino Vegetal na tentativa de aprimorá-las, pois esses métodos promovem aversão, bloqueios e desinteresse, no qual os alunos não são motivados a se conectar com a realidade cotidiana. Nesse viés, Wandersee e Schussler (2001) propõem o termo “cegueira botânica”, que se relaciona com a dificuldade, não compreensão de visualizar as plantas em seu próprio ambiente e sua importância para a biosfera. Logo, é primordial explorar e desenvolver novas habilidades e meios para inovar na sala de aula durante o ensino de Botânica, a fim de envolver os alunos nos conteúdos que estão sendo trabalhados e motivá-los a aprender.

Mesmo com tamanha importância e reiterando que trabalhar conceitos do mundo vegetal ainda é um desafio para muitos professores da Educação Básica, os obstáculos influenciam na prática do educador e refletem na aprendizagem e comprometimento da formação científica dos alunos. Apesar de presentes na Educação Básica, essas problemáticas podem ser reflexo, também, de uma má formação na graduação, pois a imensidão de nomenclaturas e termos de difícil compreensão coopera para futuros professores inseguros, com pouco entusiasmo e até pouco conhecimento sobre o tema (ANJOS, 2022).



Segundo Neves, Bündchen e Lisboa (2019), a interação entre a humanidade e as plantas parece estar se reduzindo gradativamente com o avanço da urbanização e da tecnologia. Portanto, são urgentes as discussões e inovações metodológicas que problematizem e aproximem os sujeitos dos conteúdos trazidos nas interfaces educacionais, permitindo uma compreensão plena sobre as plantas. Visto isso, é indispensável buscar por estratégias elucidativas e significativas de docência para que, além de rearranjar o ensino de Botânica, o caráter investigativo contido nestas práticas possibilite formar alunos mais críticos no seu processo de aprendizagem.

Em se tratando de uma ferramenta didática que possa auxiliar a remediar algumas problemáticas citadas, a Sequência Didática (SD) é o conjunto de atividades organizadas em séries/etapas que são interligadas entre si, permitindo a aprendizagem em todos os momentos e tornando mais eficaz o aprendizado com teor investigativo e dinâmico, sendo também “uma maneira de estruturar de modo simples e claro a coerência entre os objetivos de ensino e as premissas da aprendizagem significativa para o estudante” (BACICH; MORAN, 2018, p. 337).

A utilização de SD, somadas a ferramentas metodológicas diversificadas, mostra-se cada vez mais efetiva no processo de formação do estudante (CAVALCANTE; FERREIRA; SILVA, 2022). Diante da importância das plantas para a regulação/permanência da vida e a necessidade de remodelar as práticas de ensino nesta área, este trabalho objetiva relatar e analisar uma experiência proveniente do estágio docente, estabelecendo conexões entre os processos formativos da sala de aula e a nossa formação inicial. As experiências ocorreram nos domínios da E.E.E.F.M. Professora Bolívar Bordallo da Silva (Bragança-PA), entre o período de abril e junho de 2023, no âmbito do “Estágio Supervisionado V: Ensino Médio”, promovido ao curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Pará.

O OLHAR E ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

A sequência didática teve como foco ensinar sobre as plantas de maneira contextualizada, utilizando-se de metodologias ativas de ensino, como investigação científica no ambiente escolar, a fim de estabelecer conexão entre os saberes prévios dos alunos com os novos conhecimentos a serem adquiridos, bem como articular e aproximar a teoria da prática para, assim, tornar o objeto de estudo e o processo de aprendizado mais significativo. Por ser uma atividade desenvolvida no estágio supervisionado, os processos, espaços e sujeitos possuem grande relevância na nossa formação inicial, visto que tornaram nossa experiência mais significativa e puderam contribuir ativamente na nossa prática de ensino. Assim, a SD foi



organizada em 5 etapas, sendo: (1) Bate-papo Introdutório; (2) Passeio Pedagógico; (3) Aula Teórica; (4) Orientação de Atividade; e (5) Socialização Final, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1: Registro das etapas da sequência didática no ensino de Botânica.



Fonte: Autores (2023).

Bate-papo Introdutório – Este foi o contato inicial com a turma e o primeiro dia em que fomos para a sala de aula acompanhá-los; do ponto de vista pedagógico, para tornar este momento inicial mais tranquilo para nós e os alunos, proporcionando uma primeira experiência e contato positivo, iniciamos com um bate-papo a respeito dos vegetais. A intenção com este diálogo, além de conhecer a turma e se apresentar, era criar um ambiente descontraído e agradável, no qual os alunos pudessem expor os conhecimentos prévios sobre o tema, pontuando suas dúvidas e interesses quanto às plantas. Segundo Bertoncello e Rossete (2008), é importante estabelecer esses momentos de interação com os alunos, pois o diálogo tem implicação direta com o tipo de relação que será estabelecida entre aluno e professor, relação a qual gostaríamos que fosse a mais agradável possível desde o início. Ainda segundo os autores, a promoção de diálogos em sala é compreendida como um ato de respeito ao educando e sua leitura de mundo e por meio desta prática dialógica podemos buscar um enfoque diferente sobre a relação aluno-professor.

Neste primeiro momento os alunos foram os verdadeiros protagonistas da sala de aula, uma vez que se expressaram livremente através da fala e teceram comentários sem inibição, destacando aspectos valiosos para nós enquanto docentes, tais como suas experiências, interesses, motivações e contato com as plantas, de modo que o diálogo nos mostrou que todos, em algum grau, tinham certo conhecimento a respeito dos vegetais. Entre as discussões, falamos da importância, diversidade, estruturas morfofisiológicas das plantas e curiosidades desse universo, sendo possível atestar quais lacunas poderiam ser preenchidas e quais saberes prévios os alunos já traziam na sua bagagem científica. Para Lanuti e Junior (2015), a análise cuidadosa desses saberes trazidos pelos estudantes é uma alternativa poderosa para facilitar o processo de



ensino-aprendizagem, pois permite refletir e propor estratégias educativas que façam sentido para os alunos, ao mesmo tempo em que faz com que o docente consiga planejar as próximas atividades. Consideramos que esses diálogos introdutórios foram muito significativos para os alunos e para nós, que pudemos estabelecer conexões amigáveis desde o início ao tentar construir uma relação professor-aluno que estivesse além dos aspectos técnicos e científicos da Biologia, mas que envolvesse a subjetividade e a afetividade.

Passeio Pedagógico – Esta etapa foi desenvolvida no jardim da escola com o objetivo de instigar o olhar científico e senso crítico dos discentes acerca da diversidade vegetal presente no espaço, enfatizando as principais características morfológicas, ecológicas e importância das plantas. Iniciamos com uma breve orientação de como sucederia a excursão no ambiente escolar, tais como andar em grupo e fazer observações/anotações sobre tamanho, flores, fruto, caule, folhas, raízes, se tem plantas em cima de outras e/ou animais interagindo. Neste momento pudemos observar que muitos alunos ficaram entusiasmados com a atividade proposta, enquanto outros questionaram o porquê do passeio ser na própria escola, tendo em vista que trafegam todos os dias neste espaço. Explicamos que esta excursão não seria um passeio igual aos que costumavam fazer, pois dessa vez seria com um olhar científico, ou seja, atento aos detalhes vegetais que costumeiramente passam despercebidos.

O primeiro ambiente visitado foi a vegetação presente na frente da sala de aula, a partir do qual os alunos, em grupo, puderam iniciar as observações científicas, fazer registros no caderno e fotografar as plantas e suas estruturas. Eles estavam muito atentos aos detalhes, sobretudo aos mais atrativos, como flores, frutos e a discrepância entre os tamanhos das plantas. Os detalhes mais sucintos tivemos que intervir e chamar atenção de algumas situações para que não passassem despercebidas, como a presença dos musgos, diferentes estruturas foliares e interações ecológicas entre organismos, como insetos e outras plantas. Durante o passeio, muitas dúvidas surgiram, como “que planta é essa, professor?”, “qual o nome dessa parte aqui?”, “o que é isso grudado na planta?” (tratava-se de fungos orelha-de-pau e líquens); isso nos fez refletir que as vivências práticas trazem o engajamento dos estudantes, corroborando com Barros e Vieira (2019), ao defenderem que atividades como esta, realizadas em jardins botânicos, proporcionam aos alunos experiências novas e motivadoras, expressivas, agradáveis e que despertam diferentes sensações, pois trabalham com a informação de modo interativo, levando os sujeitos a observar e refletir as relações entre os elementos da natureza, ao invés de simplesmente visualizar e comunicar um fato.

Ao longo do passeio, instigamos os alunos a refletir sobre a função de certas estruturas morfológicas, como o espinho e a flor. Além disso, no que se refere ao desenvolvimento das



briófitas, incentivamos a pensar como estas plantas se instalam em muitos lugares e quais os aspectos que lhes proporcionaram essa adaptação. Alguns alunos perceberam que os musgos tendem a crescer em lugares sombreados e úmidos, deduzindo que a presença de água seria importante para reprodução e desenvolvimento desses indivíduos. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 324), na área de Ciências da Natureza o aluno necessita desenvolver competências e habilidades necessárias para que possa ter uma visão ampla sobre o conhecimento científico, sendo capaz de “analisar, compreender e explicar características, fenômenos e processos relativos ao mundo natural” e, para isso, é fundamental estimulá-los a pensar sobre os fenômenos e buscar explicações.

Outro resultado importante é que esta etapa desmistificou a concepção de que o sucesso/ocorrência de uma aula prática, sobretudo no ensino de Ciências, é decorrente apenas do uso de laboratórios. Observamos que é possível utilizar dos mais diversos espaços, tal como jardins, para desenvolver uma boa aula, a qual contemple os principais objetivos que a circundam, como garantir efetivação no processo de ensinar e aprender. Entretanto, para que esses espaços sejam potencializadores no processo de aprendizagem, é necessário que haja planejamento por parte dos docentes ao buscar metodologias que motivem os alunos a se envolverem e interessarem pelos temas estudados (SOARES; BAIOTTO, 2015).

Aula Teórica – Nesse momento da SD buscamos aprofundar conceitos/estruturas vegetais ao apresentar os quatro grandes grupos de plantas (briófitas, pteridófitas, gimnospermas e angiospermas), mostrando seus processos evolutivos e destacando as principais vantagens evolutivas oriundas dos novos caracteres que surgiram. Foi uma aula expositiva e dialogada com exemplos dentro da realidade dos estudantes, a fim de incentivá-los a participar da discussão ao resgatar momentos e pontos observados/vividos na etapa anterior. Iniciamos falando brevemente sobre as principais características das plantas, a grande diversidade presente no planeta e como essa diversidade se originou. Ainda, como proposta para contribuir e potencializar o aprendizado, realizamos uma atividade de fixação na qual os alunos, divididos em duas grandes equipes, tiveram que montar um cladograma com os quatro grupos de plantas existentes e já vistas na sala de aula, acentuando as principais apomorfias, ou seja, novidades evolutivas exclusivas de cada grupo, explicando as vantagens evolutivas de cada novo caractere.

As aulas somente teóricas, na maioria das vezes, são tratadas como elementos pouco efetivos no processo de ensino-aprendizagem, pois quando usadas de maneira isolada não dão conta das necessidades educacionais que envolvem o ensino de Biologia. Porém, em relação à biodiversidade vegetal, Bizotto, Ghilardi-Lopes e Santos (2016) pontuam que a discussão



teórica evolutiva é pertinente e deve ser estimulada em sala de aula, pois permite contar a história evolutiva dos grupos apresentados aos alunos, facilitando a compreensão das características vegetais, uma vez que os alunos podem visualizar como se originaram.

A literatura disponível nos sugere abandonar os métodos passivos de ensino, como aulas predominantemente expositivas e exercícios rotineiros, ao mesmo tempo que instiga a aderir métodos que envolvam os aprendizes de forma ativa, tornando-os construtores do saber. No entanto, compreendemos esse momento da SD, diferente das duas etapas anteriores, como uma atividade habitual, uma vez que o mesmo foi desenvolvido na sala de aula como tradicionalmente ocorre. Por esse motivo, embora tenhamos nos esforçado para desenvolver atividades que tornassem a aula mais participativa e produtiva, sentimos que houve dificuldade em manter a atenção, interesse e participação de todos ali presente.

Durante o planejamento, nos preparamos e estudamos para resgatar algumas informações do assunto para levar informações atualizadas e coerentes. Contextualizamos o que é um cladograma, sinapomorfias e desafios enfrentados pelas plantas para colonização do ambiente terrestre, possibilitando introduzir aos alunos as características evolutivas que tornaram possível o estabelecimento dos vegetais em habitat fora d'água. Para tornar a aula envolvente, estimulamos a participação dos alunos, por exemplo, indagando sobre as possíveis dificuldades das briófitas em colonizar o espaço terrestre, tendo em vista que se divergiram, possivelmente, a partir das algas que habitavam o ambiente aquático.

Apesar dos esforços em desenvolver uma aula mais didática, dinâmica e palatável, naturalmente alguns alunos se mostraram mais participativos, dialogando, questionando e aproveitando melhor o momento, enquanto outros tiveram mais dificuldade em manter a atenção, estando na maior parte do tempo realizando atividades descontextualizadas com a aula, como acessar o celular, fotografar a si e conversar sobre assuntos paralelos. Para Alencar e Freitas (2019, p. 215), “é um desafio tornar o ensino de Biologia mais significativo e atrativo para o aluno, e isso vem acompanhando toda a vida profissional da maioria dos professores dessa disciplina”, fato que concordamos, pois experienciamos os desafios em despertar o interesse dos alunos em uma aula mais teórica. Apesar desses percalços, este momento foi satisfatório na nossa trajetória, pois atingimos o propósito educativo com alguns alunos, fato que se corroborou quando tivemos a participação e envolvimento da maioria na execução da atividade final e ouvimos relatos de que a aula foi boa.

Orientação de Atividade – Esta etapa objetivou dar aos alunos as condições necessárias para execução das atividades propostas, permitindo esclarecer o que e como deveriam fazer e abrindo espaço para tirar dúvidas. A primeira tentativa de orientação foi em



um dia que a turma estava livre, no qual fomos à escola e explicamos a dinâmica final, deixando agendada a entrega da atividade para a semana seguinte. Para dar mais suporte e possibilitar orientação remota, disponibilizamos um contato para comunicação pelo aplicativo *WhatsApp*. Apesar desse primeiro momento, na data marcada das apresentações, nos deparamos com os estudantes alegando não ter feito a atividade, que precisavam de mais tempo e alguns ainda não tinham compreendido bem o comando, o que nos deixou negativamente surpresos e tristes. Para reverter a situação, aumentamos o prazo e decidimos fazer uma última orientação com a turma. Esta quebra de expectativa foi um episódio marcante na nossa passagem pelo estágio por ser uma das primeiras decepções na realização de atividades, mas buscamos observar esse momento como espaço formativo. Apesar dos sentimentos de mágoa e tristeza, concordamos com Silva e Costa (2022), os quais afirmam que o estágio é um momento para interpretar cada sentimento ao entrar e sair da sala de aula e que as experiências se desenvolvem em diversas facetas na jornada profissional, permitindo refletir, e construir saberes diversos e intrínsecos ao professor.

Refletindo sobre o episódio em questão, pensamos em alternativas para tornar a segunda tentativa mais didática. Assim, produzimos um documento de apresentação para explicar, novamente, os procedimentos necessários, desta vez no aplicativo online Canva®, que permite construir materiais com recursos dinâmicos e mais criativos. O documento foi dividido em dois eixos, que se referem às etapas de construção da atividade, aos exemplos concretos de uma atividade pronta e informações sobre os grupos vegetais. O primeiro eixo foi dividido em três passos que elencam as etapas de elaboração da atividade. O primeiro passo era escolher 5 plantas distintas que foram fotografadas na etapa 2 da SD e, em seguida, selecionar e organizar características presentes nestes vegetais, destacando também uma característica adicional para comentar na apresentação, como a presença de espinhos. No segundo passo destacamos quais características vegetais deveriam ser evidenciadas pelos alunos, tais como: tamanho do organismo (pequeno, médio, grande porte), tipo de exposição luminosa (sol pleno ou de sombra) e a presença/ausência de flor, fruto e sementes. No terceiro passo informamos que os alunos deveriam indicar de qual grupo as plantas escolhidas pertencem, considerando os grupos apresentados na etapa 3.

Esta atividade de organizar dados coletados e relacionar com a literatura, que nesta ocasião deve ser entendida como buscas realizadas na internet para entender mais sobre as características dos vegetais, teve como objetivo colocar os alunos em contato com a prática e vivências da cultura científica, que segundo Sedano e Carvalho (2017), permite que os alunos



trabalhem para solucionar problemas, levantar e testar hipóteses, apresentar os resultados e as explicações achadas para os fenômenos, tendo o ensino como uma atividade investigativa.

O segundo eixo está organizado em 2 aspectos, sendo o primeiro a exibição de um modelo para exemplificar como organizar os dados e elaborar uma apresentação. Isso possibilitou aos alunos a visualização de um material pronto, que os ajudou a construir suas próprias apresentações, pois a maioria tomou como base este modelo. O segundo aspecto é um reforço das características gerais dos grupos vegetais já discutidas anteriormente. Entendemos que esse caráter conceitual requer mais momentos para efetivar a aprendizagem, de modo que haja construção do saber em cada situação, sendo importante resgatar essas informações ao longo do processo.

Socialização Final – Este momento teve como objetivo a exposição das atividades, servindo, também, para observar se atingimos o objetivo da SD e se os alunos puderam colocar em prática as aprendizagens pertinentes ao tema; ainda, permitiu identificar algumas dificuldades dos estudantes na compreensão e execução da atividade. Nesta parte da SD fizemos uso de seminários, que é uma ferramenta de ensino bastante comum no Ensino Médio, pois segundo Capellato, Silva Ribeiro e Sachs (2019) possibilita promover habilidades como o trabalho coletivo, a pesquisa, discussão, argumentação, escuta ativa dos colegas e oratória. Incorporar estas ferramentas ativas em sala de aula inverteu a figura comumente passiva e receptiva dos alunos, estimulando que estes fossem construtores do próprio saber, enquanto nós atuamos como mediadores desse processo. Segundo Paim, Iappe e Rocha (2015, p. 161), os seminários são uma forma de “estimular o estudo aprofundado de um tema, a coleta de informações e experiências, a pesquisa e o conhecimento global do tema”.

Na data marcada, houveram três equipes de alunos que realizaram a apresentação, estando alguns tranquilos e confiantes, enquanto outros mais nervosos. Tentamos contornar fazendo uma simulação de como poderiam realizar a apresentação, na tentativa de que soubessem como se portar, expressar e se sentirem mais à vontade; ainda, ao longo das apresentações, estimulamos todos a falar e expor suas ideias e compreensão do tema. A escola é um espaço de desenvolvimento integral e a construção de outras habilidades, para além do cognitivo, também é desejável e deve ser estimulada no contexto contemporâneo (ABED, 2016), como a comunicação oral, exposição em público e aspectos socioemocionais, como lidar com a ansiedade e nervosismo, motivação e perseverança. Assim, consideramos satisfatória as apresentações, pois os alunos colocaram em prática os conhecimentos adquiridos no processo, trazendo os itens solicitados e com explicações coerentes, na sua maioria. Alguns trouxeram informações além do solicitado, como nome popular e científico da planta, detalhes sobre os



frutos, necessidade maior ou menor de água, entre outros. Algumas imagens não eram das plantas da escola e sim da internet e algumas informações estavam incorretas, evidenciando que as fontes de pesquisa dos alunos nem sempre são confiáveis e que devemos chamar atenção deles para estes aspectos, estimulando o senso crítico e oportunizando que conheçam fontes fidedignas.

Como supracitado, apenas três grupos produziram o trabalho e, ao questionarmos os demais alunos sobre isso, alguns relataram dificuldade em não saber construir apresentações em *slides* e que sequer tinham acesso à ferramenta para isso. Isso ficou evidente quando uma aluna nos contou que não sabia em qual aplicativo criar apresentações, então mostramos alternativas como PowerPoint e Canva. Observando o perfil da turma e em diálogo com alguns alunos, evidenciamos que aqueles que tinham concretizado a atividade dispunham das ferramentas para construir uma apresentação e tinham acesso à internet direto de sua residência, pois seus pais tinham maior poder aquisitivo, enquanto aqueles que não fizeram, em sua maioria, não tinham sequer um dispositivo móvel e acesso à internet. Isso demonstra os traços de desigualdade social no Brasil, que segundo Conceição e Zamora (2015) são históricos e ainda afetam o cotidiano escolar, sobretudo a permanência e aprendizagem.

Observamos, também, que a maioria dos alunos demonstrou dificuldade em entender como deveriam fazer a atividade, o que nos deixou surpresos por, aparentemente, ser uma tarefa simples. Porém, é necessário pensar que estas atividades, por mais que pareçam familiares para o cotidiano universitário, podem ser mais desafiadoras para os alunos. Isso demonstra a importância da noção e compreensão do que é e como realizar a transposição didática, que segundo Neves e Barros (2011) é um conceito com diferentes visões e interpretações nas áreas do saber, mas que se refere ao processo de traduzir o conhecimento produzido na universidade para o ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado nos aspectos supracitados, o uso da Sequência Didática no processo de ensino-aprendizagem trouxe inúmeras vantagens, tanto para os alunos como para nós. Aos alunos, permitiu estar em contato com metodologias dinâmicas e ativas de construção do saber, permitiu descobrir sobre o mundo das plantas de maneira prática e partindo dos seus saberes prévios, bem como possibilitou a aprendizagem de forma significativa com experiências marcantes. Ainda, através desta prática foi possível oferecer um ensino de Botânica que foge do cotidiano dos alunos, permitindo-os experienciar este universo e reconhecer a importância e



diversidade destes organismos para manutenção da vida. Assim, o uso de mecanismos didáticos como a SD foi um excelente dispositivo para remediar as dificuldades, contornar as dúvidas e aversões diante dos conteúdos e temáticas abordadas.

Para nós, professores em constante formação, proporcionar estas vivências certamente foi um propulsor na nossa jornada docente, pois nos permitiu crescer em diversos aspectos, refletir sobre nossas práticas em sala de aula, reconhecer que o fazer pedagógico envolve um misto de sentimentos, ora felizes e outrora tristes. Destarte, esta experiência nos instigou a buscar o fortalecimento dos aspectos positivos e buscar melhorias constantes daqueles que necessitam, sobretudo por meio da formação continuada, a fim de que estejamos preparados para as futuras mudanças dos sujeitos desta sociedade, de modo que possamos nos adaptar aos novos cenários e oferecer o melhor de nós para a construção da educação.

REFERÊNCIAS

ABED, A. L. Z. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da Educação Básica. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 24, n. 25, 2016.

ALENCAR, A. C. S.; FREITAS, A. D. G. Uso de jogos didáticos: uma estratégia facilitadora para um melhor ensino-aprendizagem em sala de aula. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S.I.], v. 20, n. 2, p. 215-219, 2019.

ANJOS, E. C. **Metodologias ativas**: sequência didática como alternativa pedagógica para o ensino de Botânica. 2022. 103 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.

BARBOSA, M. C. P. *et al.* O ensino de botânica por meio de sequência didática: uma experiência no ensino de Ciências com aulas práticas. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 45105-45122, jul., 2020.

BARROS, F. C. O. M.; VIEIRA, A. M. S. A aula-passeio como experiência vivida: Freinet no Ensino Superior. **RIFP**, Itapetininga, v. 4, n. 4, p. 79-91, out./dez., 2019.

BERTONCELLO, L.; ROSSETE, S. A importância do diálogo na relação professor-aluno e o paradigma da complexidade. **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, [S.I.], v. 13, n. 2, 2008.

BIZOTTO, F. M.; GHILARDI-LOPES, N. P.; SANTOS, C. M. A vida desconhecida das plantas: concepções de alunos do Ensino Superior sobre evolução e diversidade das plantas. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, [S.I.], v. 15, n. 3, p. 394-411, 2016.



BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAPELLATO, P.; SILVA RIBEIRO, L. M.; SACHS, D. Metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem utilizando seminários como ferramentas educacionais no componente curricular Química Geral. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 8, n. 6, 2019.

CAVALCANTE, B.; FERREIRA, H. J; SILVA, C. D. D. A Importância das Broméiades no Meio Ambiente: uma proposta de sequência didática para a conscientização ambiental de estudantes da educação básica. **Revista Macambira**, [S.l.], v. 6, n.1, 2022.

CONCEIÇÃO, V. L.; ZAMORA, M. H. R. N. Desigualdade social na escola. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 4, p. 705-714, out./dez., 2015.

FRANÇA DE BARROS, G. C.; BARROS, M. A. M. O papel dos Estágios Supervisionados na formação inicial dos licenciandos em Ciências Biológicas da UFPE para a prática docente. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 05-18, mar., 2022.

LANUTI, J. E. O. E.; JUNIOR, K. S. Saberes prévios dos estudantes: o ponto de partida para aprendizagem significativa na perspectiva da Educação Inclusiva. **Revista InFor**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2015.

NEVES, A.; BÜNDCHEN, M.; LISBOA, C. P. Cegueira botânica: é possível superá-la a partir da Educação?. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 25, n. 3, p. 745-762, 2019.

NEVES, K. C. R.; BARROS, R. M. O. Diferentes olhares acerca da transposição didática. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 103-115, 2011.

PAIM, A. S.; IAPPE, N. T.; ROCHA, D. L. B. Metodologias de ensino utilizadas por docentes do curso de enfermagem: enfoque na metodologia problematizadora. **Enfermería Global**, [S.l.], v. 14, n. 37, p. 153-169, 2015.

SANTANA, I. C. G; SANTOS, F. A.; SILVEIRA, A. P. Formação inicial de professores de Biologia: o Estágio Supervisionado como momento de reflexão sobre a prática. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, [S.l.], v. 4, n. 2, abr./jun., 2020.

SEDANO, L.; CARVALHO, A. M. P. Ensino de Ciências por investigação: oportunidades de interação social e sua importância para a construção da autonomia humana. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 199-220, 2017.

SILVA, T. R.; COSTA, O. A. A escrita de narrativas autobiográficas de professores de Biologia em Formação Inicial. **Educação, Ciências e Matemática**, [S.l.], v. 12, n. 3, 2022.

SOARES, R. M.; BAIOTTO, C. R. Aulas práticas de Biologia: suas aplicações e o contraponto desta prática. **Di@logus**, [S.l.], v. 4, n. 2, 2015.

WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. Toward a theory of plant blindness. **Plant Science Bulletin**, St. Louis, v. 47, n. 1, p. 2-9, 2001.